

Filhos do barro: um olhar sobre o ofício da Olaria na pioneira São José - SC¹

Pedro Aguiar STROPASOLAS²

Flávia Garcia GUIDOTTI³

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

RESUMO

O ensaio artístico *Filhos do barro: um olhar sobre o ofício da Olaria na pioneira São José - SC*, resgata a tradição da Olaria em São José – cidade situada na região da Grande Florianópolis – com ênfase no universo singular dos profissionais do barro, trabalhadores braçais de movimentos precisos e repetitivos, que moldam exemplares de argila como forma de sustento. Pioneira no escoamento de peças em barro para a Ilha de Santa Catarina, São José preserva, mesmo que com dificuldades, a herança cultural da olaria, ofício que chegou no litoral catarinense junto com os imigrantes açorianos, por volta de 1750. Este trabalho se propõe a dar visibilidade a este ofício, sobretudo, pela sua importância enquanto patrimônio histórico e cultural ainda vivo na memória e identidade do povo josefense.

PALAVRAS-CHAVE: fotodocumentarismo; ensaio fotográfico artístico; cultura açoriana; olaria; São José, SC.

1 INTRODUÇÃO

A Olaria se firmou como profissão em São José a partir de 1817, quando se deu a publicação do primeiro registro sobre uma indústria de louça de barro. O proprietário: Manuel Furtado, açoriano da Ilha de São Miguel e provavelmente o primeiro oleiro vindo do arquipélago português para o município catarinense. A cerâmica rústica das olarias josefenses marcou época de significação econômica no município até iniciar um processo de declínio a partir dos anos de 1960, com o surgimento de objetos e exemplares industrializados e pela explosão da especulação imobiliária, que restringiu o acesso à matéria prima, o barro.

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria na Categoria Jornalismo, modalidade PT 03 Ensaio Fotográfico Artístico (conjunto).

² Estudante do 6º. Semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, e-mail: pedrostropasolas@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, e-mail: flaviaguidotti@gmail.com.

As Olarias de Louças de Barro Utilitárias, como eram conhecidas, concentravam-se estrategicamente na Ponta de Baixo, pacata localidade praieira do município de São José, onde se viabilizava com maior eficiência o escoamento da produção pelo mar. O traslado até a Ilha de Santa Catarina era feito através de canoas e baleeiras, necessariamente em dias de pouco vento. As louças de barro tradicionais, confeccionadas nas olarias da Ponta de Baixo, derivam de modelos clássicos produzidos ainda no século XVIII pelos portugueses. Alguns desses exemplares ainda continuam sendo comercializados no século XXI, como é o caso de caçarolas, frigideiras, alguidares, sopeiras, moringa, boiões, açucareiros, chaleiras, bules, pires e vasos.

A história de São José começa a partir de 1750 quando 182 casais oriundos do Arquipélago dos Açores desembarcaram na localidade fronteiriça à Ilha de Santa Catarina. Desde 1666, já haviam ocorrido outras tentativas de colonização do litoral catarinense, tanto na ilha como na Terra Firme, como era chamado o continente. Os imigrantes açorianos que chegaram a Santa Catarina são fruto do processo de ocupação do Sul do Brasil pela coroa portuguesa, visando conter as possíveis invasões. A influência da colonização pode ser encontrada em cidades como Florianópolis, Imbituba, Itajaí, São Francisco do Sul e São José, destacando-se a arquitetura, a culinária – baseada em frutos do mar – e as manifestações tradicionais como a pesca artesanal, renda de bilro e as louças de barro. A arte da olaria é uma das principais expressões que possibilitam o resgate da cultura açoriana e a manutenção da tradição herdada da colonização. Os oleiros, além de produzirem peças utilitárias que marcam a passagem dos portugueses, ainda retratam manifestações folclóricas típicas como o Boi de Mamão, a Festa do Divino Espírito Santo, a Procissão do Senhor dos Passos, o Terno de Reis e o Pau de fitas.

Em São José, é percebido uma mudança de paradigma quanto à consolidação de olarias como a deste ensaio, mais voltada à produção ritmada e com grande escala de exemplares de barro. Nos primórdios as fábricas de louça de São José eram caseiras, familiares, com uma produção descentralizada em diferentes olarias ao longo do Caminho da Ponta de Baixo. Para este trabalho, houve uma preocupação em destacar a dualidade característica dos objetos em argila: a importância do sentido utilitário das peças, aliado à valorização da estética – teor artístico particular da cerâmica. Vale destacar que as fotografias que compõem *Filhos do barro: um olhar sobre o ofício da Olaria na pioneira São José - SC* caminham no mesmo sentido que Boris Kossoy define para a documentação visual da realidade:

O registro visual documenta, por outro lado, a própria atitude do fotógrafo diante da realidade; seu estado de espírito e sua ideologia acabam transparecendo em suas imagens, particularmente naquelas que realiza para si mesmo enquanto forma de expressão pessoal. (KOSSOY, 2001, p. 42)

2 OBJETIVO

Este trabalho foi realizado durante a disciplina de Fotojornalismo II, sob orientação da professora Flávia Guidotti, para o curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina e teve como proposta colocar em relevo o ofício da Olaria através de seu principal ator: o oleiro. As imagens revelam o que tem de mais singular no universo destes trabalhadores: as cores berrantes do barro, as roupas encardidas, o esforço repetitivo, a relação com o tempo. O palco, a Olaria do Seu Tata, um casarão antigo de dois andares, às margens da BR 101, que tem a característica própria de não apresentar vazios. Cada espaço do recinto é preenchido por peças, surpreendentes por serem diversas, repletas de cores e formatos. As peças ali nascem da sutileza dos dedos rugosos dos oleiros, uma após a outra, em passos acelerados.

No processo motivador deste ensaio fotográfico, buscava-se um tema de interesse humanístico e cultural. Procurei mapear os ofícios de caráter folclórico, aqueles que revelam traços da identidade catarinense, reproduzidos a partir de uma dinâmica de sucessão. A escolha da Olaria traduz meu intuito de reaproximação da arte do barro com a sociedade, de trazê-la novamente para o imaginário das pessoas que vivem no litoral. Contribuir para a visibilidade social, especialmente para a parcela da população – catarinenses ou visitantes – que desconhece os elementos da cultura e identidade da povoação açoriana.

O ensaio também visa fixar uma linguagem própria e singular do olhar do fotógrafo na interpretação da realidade. Propõe a inclusão de um método de narrativa que cumpra o papel informativo, mas que também crie uma identidade autoral, de aproximação com quem fez o clique e guiou a cronologia da história.

3 JUSTIFICATIVA

Embora enfraquecida pela modernidade e pelos aparatos da indústria, a arte do barro sobrevive pela tradição de um saber fazer artesanal. Atualmente, como forma de manutenção da cultura antepassada, funciona no município de São José a Escola de Oleiros

Joaquim Antônio de Medeiros, a única do segmento no Brasil. Além disso, é instituído, através de lei municipal, o 19 de setembro como o Dia Municipal do Oleiro.

Quanto a seu reconhecimento pela sociedade, a Olaria é percebida por seu produto final, a obra, mas pouco se valoriza o processo e o olhar subjetivo do trabalhador, que mesmo circundado por movimentos de repetição, obedece a um instinto criativo particular. Considerando a diferenciação que a filósofa alemã Hannah Arendt faz para os significados de trabalho e obra, podemos afirmar que os exemplares criados a partir do barro tendem a apresentar características desses dois tipos de atividade. Segundo Arendt o caráter de obra, se dá quando um objeto não nasce para ser consumido, mas sim utilizado.

A obra de nossas mãos, distintamente do trabalho de nossos corpos, fabrica a mera variedade infinita das coisas cuja soma total constitui o artifício humano, o mundo em que vivemos. Tais coisas não são bens de consumo, mas objetos de uso, e o seu uso adequado não causa seu desaparecimento. Elas dão ao mundo a estabilidade e a solidez sem as quais não se poderia contar com ele para abrigar a criatura mortal e instável que é o homem. (ARENDR, 2005, p.183)

Por outro lado observa-se, na Olaria, uma lógica produtiva de um movimento cíclico e abundante, onde as pausas surgem como intervalos entre a exaustão e a regeneração. Ali, exposta no casarão, observa-se uma repetição compulsória por parte daqueles trabalhadores na construção dos objetos de argila, característica ligada à necessidade de subsistência, inerente às potencialidades do trabalho.

Até o produto final, a peça de barro, passa por alguns estágios e diferentes mãos. Primeiramente se dá o processo de moldagem, onde o oleiro a partir do bloco de argila garante a forma do objeto e denota sua utilidade. Neste estágio, o profissional se utiliza de uma das formas de manufatura artesanal, o torno, uma máquina giratória que auxilia na modelagem da argila. Ricardo Gomes Lima, em sua obra *Olaria* (2003), disserta sobre o instrumento e a maneira como é utilizado.

Trata-se de uma estrutura de madeira com um disco em posição horizontal que, impulsionado pelos pés do artesão, gira e faz girar um eixo ao qual está fixada uma segunda roda, em nível superior. Sobre esta é colocada a massa de barro que o artesão manipula, criando o objeto. É uma invenção completa em si mesma, sendo mínima a importância das modificações que sofreu ao longo dos tempos, como o acréscimo do pedal e, posteriormente, equipamentos de força para fazê-la girar mecanicamente. (LIMA, 2003, p. 3)

Após a moldagem, o exemplar é encaminhado para outro oleiro, responsável pelos acabamentos, desenhados com as mãos ou com a ajuda de facas e instrumentos

pontiagudos. Nas últimas etapas, o mergulho em um esmalte de coloração branca antecede a ida das peças de barro ao forno – em torno de 980°C – e dá um aspecto brilhante aos exemplares. Por fim, algumas das cerâmicas – especialmente as com caráter decorativo – passam pela mão do artesão que faz pinturas e desenhos.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A disciplina de Fotojornalismo II propõe um aprofundamento nos elementos básicos da fotografia digital: princípios do comportamento da luz, ajustes de diafragma e obturador, noções de composição. Além disso, através de saídas práticas pelo entorno da UFSC e pela cidade, estimula a vivência de um repórter fotográfico, enfatizando a apuração, o estudo prévio do motivo, da pauta. Como pano de fundo, bons exemplos: leituras de fotorreportagens renomadas e consolidadas no universo visual, como as da revista *O Cruzeiro*, uma linguagem que revolucionou o fotojornalismo no Brasil, principalmente a partir da década de 1950, com profissionais de peso como Flávio Damm e José Medeiros.

As fotografias deste ensaio foram feitas na terça-feira, 26 de maio de 2015, no período da manhã, com luz natural de uma manhã de sol e muitas nuvens. Para o registro, utilizei uma câmera DSLR, sendo o modelo a Canon EOS 60D, acompanhada de uma lente fixa 50mm, uma grande angular 10-18mm, e uma objetiva 18-135mm.

Quanto às composições, priorizei planos mais abertos, que situassem o entorno, a partir de uma boa profundidade de campo – para isso optei por um diafragma mais fechado. A grande angular foi importante para localizar e definir cada etapa da produção do barro: a moldagem, o acabamento, o mergulho no esmalte, a pintura. Esta lente permitiu capturar a integração entre o trabalhador e seu espaço de trabalho, através de quadros amplos, com riqueza de detalhes. Optei também, na fase de pós-produção, pelo uso de um tratamento de imagem que ressaltasse a coloração do barro. Para isso, foram feitos ajustes de contraste e brilho, e um leve aumento na saturação e tonalidade das fotografias.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Na Grande Florianópolis, há uma grande variedade de ofícios e atividades que vem caindo em esquecimento. São personagens e tradições que passam despercebidas no senso comum, pois enfrentam impasses quanto à sucessão geracional, seja pela falta de interesse

dos jovens, seja pelo avanço industrial e dos aparatos tecnológicos. Dentre estes, pescadores, operadores(as) de engenhos de farinha e cana, alfaiates, rendeiras, parteiras, gente do balaio – espécie de cestos feitos com fibras de bambu. A Olaria também compõe este grupo, e se mostrou mais viável para a atividade final da disciplina, quando encontrei a loja de Tatá no Largo da Alfandega.

Eliatar Silva, o Tatá, pegou gosto pela arte do barro após vender o taxi que adquiriu aos 19 anos. No princípio, apenas revendia as peças confeccionadas por outros oleiros, no mesmo espaço comercial que comprou em 1972, ao lado do Mercado Público de Florianópolis. Hoje também faz exemplares, e os expõe à clientela. Interessou-me a pluralidade de peças, entre as quais vasos, cântaros, utensílios domésticos, acessórios decorativos, louças, de todos os tamanhos e formatos. Quando perguntei sobre o endereço da fábrica, já havia certa desconfiança que seria na cidade vizinha, São José, distante 8 km do centro da capital de Santa Catarina, e que conta com 209.804 habitantes (IBGE, 2010). O município é especialista na fabricação de louças de barro. Dos atributos principais, uma boa qualidade e diversidade das peças, a vidração dos exemplares, a feitura, o cozimento. À estas características se deve o destaque na comercialização em todo o litoral catarinense, que se inicia ainda nos anos de 1850, período em que se realizava vendas ao ar livre, no Miramar da Ilha.

A estrutura de narrativa deste ensaio admite a presença dos ícones: as mãos, as sandálias, o relógio, detalhes essenciais para fixar blocos de memória ao observador. Neste caso, os blocos de memória são aquilo que possibilitam a proximidade, a localização da cena e do ofício, um lado sensitivo, cujo papel principal é familiarizar. Percebo que a fotografia consegue em lugares como estes, de luzes ora difusas, ora localizadas em elementos específicos transcender a parte crua da realidade, a parte da abordagem tradicional. Atinge um estado que possibilita a interpretação por novas narrativas, onde paira com mais força o olhar subjetivo do fotógrafo. Estes ambientes, onde se é possível brincar com a luz, e com a própria noção de composição aprendida nas salas de aula, são os que definem a visão de mundo do autor. A minha, da Olaria. Talvez nenhuma outra foto do ensaio poderia representar com tamanha fidelidade quanto a do oleiro e seu relógio: tem o tempo de um relógio quebrado, encrustado pela matéria-prima, e tem os olhos do profissional compenetrados nas lentes, como se a informação estivesse representada apenas por eles. Vejo que aqueles ponteiros, estáticos, cumprem o papel de aparecer, jornada após jornada, barro sobre barro.

Há hoje, porém, um questionamento sobre a estética do real. É consensual que a informação, por vezes, não está no enquadramento mais bonito. Dessa forma, busquei um diálogo entre as doze fotografias, onde cada imagem possui um papel dentro da estrutura narrativa, que dificilmente será entendido individualmente, mas sim na leitura do todo. Boris Kossoy fala dos modelos de abordagens clássicos da história da fotografia, como exemplos que enfatizam com muito mais rigor os aspectos tecnológicos e os valores estéticos, do que a própria realidade social ali implícita na cena. Ou seja:

As histórias elaboradas exclusivamente sob prismas "artísticos" ou técnicos dificilmente se sustentam. A fotografia é, ao mesmo tempo, uma forma de expressão e um meio de informação e comunicação a partir do real e, portanto, um documento da vida histórica. Neste sentido, ela ultrapassa aquelas abordagens obrigando o historiador a situá-la e interpretá-la em sua estética peculiar, porém num contexto cultural mais amplo. (KOSSOY, 2001, p.143)

O potencial estético daquela Olaria é farto: corredores amarronzados em tons berrantes, paredes de tijolos à mostra, montes de argila prestes a criarem feições, e uma interação gritante entre sombras e becos iluminados. É fácil optar por uma abordagem estetizante, o desafio foi buscar o contexto, o que representa aquele ofício para quem o vive rotineiramente.

6 CONSIDERAÇÕES

A fotografia é para mim um dos meios mais prazerosos para a “contação” de uma história, pois assimilo que o manifesto imagético é quem pode explicitar com mais ênfase e fidelidade o efeito do real. Todas as formas de narrativa – sejam elas textuais, poéticas, artísticas ou audiovisuais – que tem como intuito a comunicação, são expressões que transfiguram a realidade, ferramentas de representação e conhecimento do mundo. As análises de Lucia Santaella e Noth Winfried, referências nos estudos da semiótica, mostram que, na fotografia, existe uma relação dialética entre morte e a realidade, marcada por uma duplicidade de elementos. O real e sua transfiguração, para eles, é uma destas dualidades que possibilitam definir a natureza da linguagem fotográfica.

Sem deixar de estar submetida à aderência tirânica do referente, o real que nela se cola, a fotografia é também capaz de transfigurá-lo. Ela é registro, traço, porém, ao mesmo tempo, capaz de mostrar a realidade como jamais havia sido vista antes. Fotografia é vestígio, mas também revelação. E esse poder revelatório está já inscrito de tal forma na própria natureza da imagem fotográfica que basta o flagrante da câmera para que as coisas adquiram um

caráter singular, o aspecto diferente que as coisas têm quando fotografadas. (SANTAELLA e WINFRIED, 2008, p.127)

Desenvolver este ensaio foi permitir que minha sensibilidade agisse sobre a realidade do barro em São José. Acompanhado a isso, destaco o papel destas imagens como um documento importante para simbolizar os traços da colonização açoriana no litoral catarinense. Enaltece-me a compreensão de que um trabalho autoral, desenvolvido pelo viés das reflexões mundanas partilhadas em sala de aula, garantiu um espaço ao ofício da olaria na infinidade da história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, Hannah. **A Condição Humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. Edição revista.

LIMA, Ricardo Gomes. **Olaria**. [S. l.: s. n.], 2003

SANTAELLA, Lucia e WINFRIED, Noth. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Editora Iluminuras, 2008.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS – SEBRAE. **Relatório de levantamento e organização de informações históricopolítico-culturais dos Oleiros de São José/SC**. 2013.